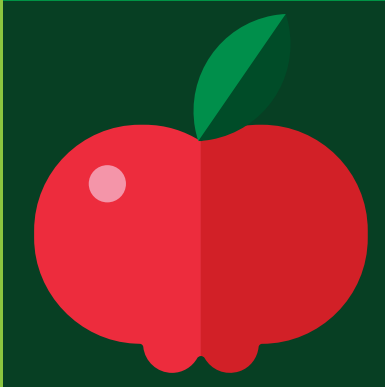
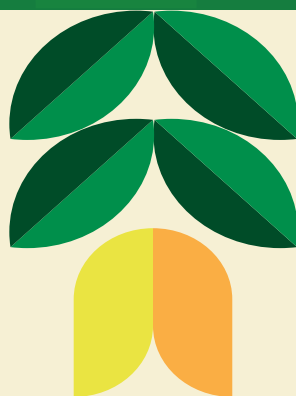
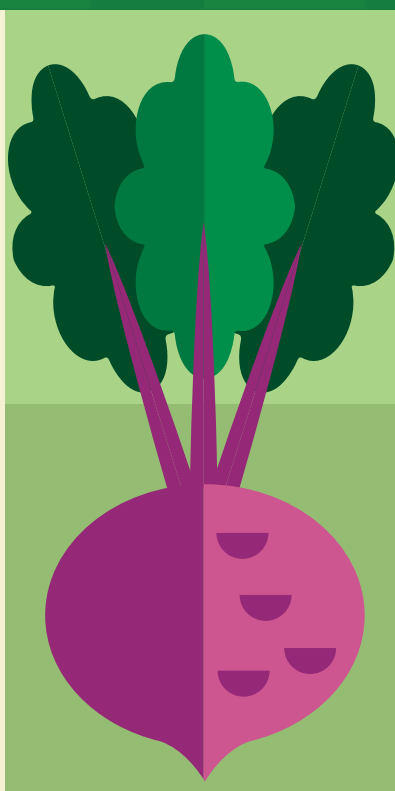
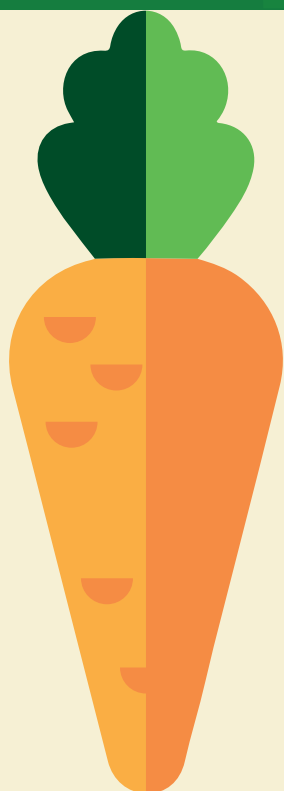


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, o mês de outubro foi quente nas primeiras três semanas e ameno na última, com temperaturas máximas médias a rondar os 25.ºC, e mínimas os 12.ºC. A precipitação ocorreu a partir do dia 19, destacando-se o último dia do mês em que foi declarado alerta vermelho pelo IPMA para chuva extrema. De um modo geral, estas condições meteorológicas foram favoráveis e permitiram até às primeiras chuvas efetuar algumas colheitas, nomeadamente dos milhos mais tardios, de arroz, da maçã e de azeitona, terminar as vindimas, assim como, o início dos trabalhos de mobilização dos solos para a realização das lavouras e das sementeiras das culturas de outono-inverno e para implantação de hortícolas.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o mês de outubro foi até dia 19, seco, sem qualquer precipitação, e quente. Nos restantes dias, foi húmido e também bastante quente. A temperatura mínima média andou pelos 13.4ºC, e a média das máximas pelos 22ºC; choveram cerca de 152 mm em 9 dias dos últimos 12 do mês.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, registaram-se temperaturas amenas, baixando gradualmente ao longo do mês, porém,

ligeiramente mais quentes que o ano anterior. A precipitação ocorreu de forma moderada, mais intensa nas últimas duas semanas, no entanto, com menos precipitação comparativamente ao ano anterior. As condições meteorológicas foram favoráveis à agricultura, facilitaram as mobilizações do solo para preparação das sementeiras e beneficiaram as culturas de outono-inverno, como culturas forrageiras, cereais praganosos, olivais e souts de castanheiros.

No Pinhal Sul, o mês de outubro decorreu demasiado seco para a época do ano, registando-se alguma pluviosidade a partir de dia 20, mas, muito abaixo das necessidades e muito inferior à precipitação ocorrida em outubro de 2024. Comparativamente com 2024, registaram-se temperaturas máximas muito elevadas, com médias de (+ 4,5ºC), amplitudes de 12ºC., até dia 20, a partir daí as temperaturas desceram. As condições climáticas tiveram influência no estado das culturas, pois uma percentagem pequena de terrenos foi mobilizada para sementeiras de pastagens, forragens (consociações) e prados, observando-se que algumas destas forragens, já estão emergidas.

Nas **zonas do interior**, em Riba Côa e Cimo Côa choveu um pouco e desceram as temperaturas. Este estado de tempo beneficiou o desenvolvimento de todas as culturas, nomeadamente as pastagens permanentes, olivais e algumas anuais.



Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o mês de outubro caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias superiores às registadas em igual período de 2024. A precipitação abaixo dos valores normais para a época condicionou a preparação dos solos para as culturas outono-invernais, quer forrageiras quer cerealíferas. Também veio atrasar o ciclo normal do início vegetativo das pratenses que constituem os prados, temporários ou permanentes de sequeiro, condicionando assim a alimentação animal e o seu maneio. A falta de humidade quer no solo quer no ar, afetou o desenvolvimento da azeitona principalmente nos olivais de sequeiro, originando para além da queda prematura dos frutos, um fraco calibre dos mesmos. Sanitariamente, prolongou-se o ciclo da mosca-da-zeitona, da fruta e o bichado, nomeadamente na maçã e pera.

Na Campina e Campo Albicastrense as temperaturas máximas foram relativamente altas até meados da terceira semana, altura em que a precipitação começou a cair mantendo-se até final do mês embora com valores diários baixos. O estado do tempo permitiu boas condições para as culturas de instalação outono-invernal, quer ao nível das lavouras e sementeiras, quer ao nível da germinação.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de outubro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de outubro.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, as condições climáticas verificadas ao longo do mês, poderão ter fomentado o aparecimento de pragas e doenças, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Baixo Mondego (**zonas do litoral**), na cultura do milho, observaram-se focos de vírus do nanismo. Na cultura do arroz, verificou-se elevada presença de infestantes, sobretudo milhã e arroz-bravo. A azeitona apresenta-se atacada pela mosca-da-zeitona e gafa.
- Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra (**zonas de transição**), a mosca-da-zeitona causou prejuízos nos olivais não tratados, fazendo cair frutos e prejudicando a qualidade do azeite, e baixando muito o aproveitamento para azeitona de mesa.
- No Pinhal Sul (**zonas de transição**), nos olivais, a azeitona galega está mais atrasada do que em 2024, encontrando-se no estado “I” (Início da maturação), mas, já se observam frutos com picadas de mosca, muito acima do NEA (Nível

Económico de Ataque), que para a azeitona para azeite é 8%. Com o abaixamento da temperatura e a pouca pluviosidade ocorrida, o ataque de mosca-da-zeitona (*Bactrocera oleae*), torna as condições favoráveis a ataques de gafa (*Glaeosporium olivarum*); devendo os olivicultores fazer tratamentos curativos para a mosca e preventivos para a gafa. Os citrinos (limão e laranja) estão na fase de viragem da cor, as condições climáticas são ideais a ataques de mosca-do-mediterrâneo (*Ceratitis capitata*), bem como, a ataques de mildio (*Phytophthora*), aconselhando-se os produtores de citrinos a protegerem as suas produções. Nas macieiras, as cultivares mais precoces já foram colhidas, estando na fase final de colheita, com a cultivar tardia "Pink Lady" pronta a colher. Quanto à castanha, este ano apresenta muita produção, mas onde não foram feitos tratamentos contra o bichado, as castanhas apresentam-se furadas, dizendo um produtor que não as vai apanhar.

Relativamente aos factores abióticos, as condições climáticas verificadas durante o mês permitiram que os agricultores efectuassem os tratamentos preventivos/curativos ou conjunto de medidas culturais aconselhadas, para as diferentes culturas.

Em relação a outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacam-se os incêndios que destruíram, em algumas zonas, a totalidade da floresta e culturas agrícolas. No Alto Dão-Lafões, mais precisamente na região de Aguiar da Beira (**zona de transição**), destruição de alguns pomares de macieiras, soitos de castanhas, vinhas e pastagens devido aos incêndios.



Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de outubro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Citrinos – mosca-da-fruta (*Ceratitis capitata*), gomose basal (*Phytophthora* spp.), mildio ou aguado, alternariose (*Alternaria citri*), antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides*).

Olival – mosca-da-zeitona (*Bactrocera oleae*), gafa (*Colletotrichum* spp.), olho-de-pavão (*Spilocea oleaginae*), cercosporiose (*Pseudocercospora cladosporioides*) e ronha ou tuberculose (*Pseudomonas savastanoi* pv. *savastanoi*).

Pomóideas (macieiras/pereiras) – pedrado (formas hibernantes), fogo-bacteriano (*Erwinia amylovora*), cancro-europeu, mosca-do-mediterrâneo (*Ceratitis capitata*).

Prunóideas (cerejeiras, pessegueiros) – cancro bacteriano (*Pseudomonas syringae*).

Fruteiras – medidas culturais de outono/inverno; tratamento de outono.

Vinha – doenças do lenho (esca e eutipiose).



3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita do milho forrageiro de sequeiro e de regadio está a terminar prevendo-se uma produção semelhante ao ano anterior. Nas espécies pecuárias, a alimentação animal recorre em grande parte ao pastoreio direto complementada com fenos e palhas, a silagens e rações industriais. Esta prática é realizada essencialmente com as vacas secas, novilhos de aptidão de carne e pequenos ruminantes, tendo grandes vantagens económicas para o agricultor.

No Baixo Mondego, as forrageiras estão colhidas e fenadas. Os prados e pastagens apresentam regular desenvolvimento vegetativo. A alimentação animal é predominantemente silagem de milho, fenos e adequados arraçoamentos. Os animais recorrem também ao pastoreio direto, nomeadamente dos campos com restolhos resultantes do milho já colhido.

No Pinhal Litoral, a continuação de tempo seco tem interferido com o desenvolvimento destas culturas, ainda que a reduzida precipitação e o aumento da humidade nocturna tenham permitido a emergência e crescimento das espécies de outono-inverno que compõem as pastagens temporárias, permanentes e

permanentes pobres, favorecendo o pastoreio. As pastagens permanentes em regadio apresentaram uma melhoria significativa no seu estado vegetativo após a ocorrência das primeiras chuvas. As parcelas semeadas com milho estão atualmente a ser utilizadas para pastoreio direto pelos ovinos. No geral, considera-se que a contribuição da matéria verde na alimentação animal é idêntica em comparação com o mesmo período do ano anterior. A colheita dos milhos destinados a silagem está praticamente concluída e estima-se uma produção com redução de cerca de 20% comparativamente à do ano passado.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pastos começam a verdejar após a ocorrência das últimas chuvas, e com as temperaturas acima do normal, no entanto, ainda não permitem o pastoreio. O consumo de feno e de rações industriais é agora bastante superior ao do ano passado.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões as condições meteorológicas foram benéficas às pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais, favorecendo um crescimento significativo de matéria verde. Nas pastagens de sequeiro (naturais ou semeadas) a precipitação ocorrida beneficiou a produção de matéria verde, assim como, as forragens anuais, que estão no início do desenvolvimento. Reiterando a informação de setembro, no Alto Dão Lafões, há locais (concelho de Aguiar da Beira e parte de Sátão) em que as culturas forrageiras, mais concretamente pastagens e prados, foram afetadas pelos incêndios, não só as que ainda

estavam nos terrenos, como as que já estavam enfardadas e armazenadas. Estima-se que foram afetados mais de 30 ha, causando um aumento da dependência de fenos, silagens e rações industriais. A produção teve uma baixa de cerca de 30%.

No Pinhal Sul, as condições climáticas de temperatura altas durante o outono e ausência de precipitação criaram condições desfavoráveis à manutenção de pastagens e forragens. As pastagens estão rapadas, não tem havido humidade para promover o crescimento vegetativo das culturas forrageiras, dificultando o pastoreio/alimentação dos efectivos pecuários. Só agora no final de outubro é que começa a aparecer rebentação de pastagem espontânea nas zonas baixas junto a cursos de água. A alimentação dos animais tem sido feita á base de fenos, canas de milho e rações de granulado.

Nas zonas do interior, em Riba Côa e Cimo Côa, estas culturas começam a apresentar um bom estado vegetativo, devido à chuva verificada, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Havia e ainda há grandes problemas para alimentar o efectivo, principalmente nas zonas dos incêndios, onde a situação é mais grave, pois há aldeias onde foram queimadas 100% das forragens permanentes, nomeadamente lameiros e pastagens pobres e mesmo até forragens que já estavam colhidas e armazenadas para alimentação do efectivo durante o ano. Nestas zonas, existe uma grande dificuldade para alimentar as diferentes espécies pecuárias, tendo que se recorrer a rações e palhas vindas de outras regiões.

Nas zonas homogéneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, os prados e as pastagens permanentes espontâneas de sequeiro, viram atrasado o seu início de ciclo vegetativo, devido à ausência de humidade no solo. Em contrapartida, as culturas forrageiras e pratenses sementeiras de regadio tiveram um desenvolvimento normal para a época, beneficiando do regadio e das temperaturas propícias que se fizeram sentir. Este mês houve também uma maior utilização de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, cerca de 40% a 50%, principalmente nas zonas ardidas. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, as pastagens e culturas forrageiras iniciam nova germinação favorecida pela precipitação. O pasto verde não tem crescimento suficiente para pastoreio, pelo que o regime alimentar dos efectivos pecuários é composto pelas forrageiras e restos de culturas de primavera/verão e pelo pasto ainda existente da produção do outono/inverno passado. À manjedoura são dadas forragens conservadas e rações sobretudo aos animais leiteiros. A falta de mão-de-obra e os elevados custos de produção, nomeadamente na produção de ovinos leiteiros é um entrave à sobrevivência destas explorações pecuárias, levando à substituição de explorações de ovinos leiteiros por ovinos de carne.

4-g – Preparativos para o próximo ano agrícola. Condições em que decorreram as lavouras e sementeiras.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a mobilização dos solos para a realização das respetivas sementeiras encontra-se atrasada, em relação a igual período do ano passado, devido à ausência de chuva durante os meses de setembro e de outubro, encontrando-se os solos com um baixo teor de humidade, é imprescindível para uma boa germinação. Com a alteração das condições atmosféricas registadas nas últimas semanas do mês, prevê-se o início imediato dos trabalhos de lavouras e das sementeiras.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, os preparativos para o próximo ano agrícola registam atraso, não tendo sido possível efetuar as lavouras e sementeiras, com exceção de algumas hortícolas.

No Pinhal Litoral, estão a iniciar-se os trabalhos de preparação do próximo ano agrícola.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as lavouras e sementeiras atrasaram-se devido ao estado do solo até às primeiras chuvas, pelo que ainda se não concluíram as sementeiras de outono-inverno.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, já teve início a mobilização dos solos e as sementeiras das culturas outono-inverno, sobretudo nas zonas mais altas, onde os solos são mais leves e com boa drenagem.

No Pinhal Sul, a falta de chuva até 20 de outubro, fez com que a maioria dos agricultores atrasassem as mobilizações para as sementeiras de outono /inverno.

Nas **zonas de interior**, em Riba Côa e Cimo Côa, decorrem normalmente as lavouras e sementeiras, para o próximo ano agrícola.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, as condições meteorológicas ocorridas ao longo do mês de outubro (temperaturas amenas e fraca pluviosidade), com consequente falta de humidade no solo, levaram a um atraso quase generalizado na preparação dos solos e nas sementeiras de outono-inverno. Na Cova da Beira, as sementeiras encontram-se efectuadas cerca de 15 a 20%, enquanto na Serra da Estrela, estão a começar agora.

Na zona homogénea da Campina e Campo Albicastrense, as operações com vista à realização das sementeiras de outono/inverno iniciaram-se com os solos secos. A chuva do mês inicialmente fraca, mas, posteriormente, em maior quantidade permitiu criar melhores condições para a realização das lavouras, das sementeiras e da germinação.



5-e – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas de uva de mesa, pomares de pomóideas, prunóideas, kiwis, frutos secos e olivais de azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

A seguir descrevem-se os aspetos mais relevantes para as diferentes culturas arbóreas e arbustivas.

• Pomares de Castanheiros e outros frutos secos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal litoral, a estimativa aponta para uma produção semelhante à do ano anterior, quer para a avelã quer para a castanha.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se em início de colheita, com muitos frutos, mas de pequeno calibre.

No Alto Dão-Lafões e no Baixo Dão-Lafões, as precipitações entretanto ocorridas vieram beneficiar o vingamento dos frutos, prejudicados com o calor do verão. Quanto à avelã, prevê-se qualidade e produtividade semelhante à do ano anterior, fatores como muita chuva na fase de polinização, floração e posteriormente temperaturas muito elevadas, condicionaram a produção. A colheita da castanha está com algum atraso, a previsão é de que a qualidade seja boa, mas com produção inferior em cerca de 5% comparativamente ao ano passado, no Alto Dão-Lafões. Na região de Aguiar da Beira (Alto Dão-Lafões), os incêndios atingiram soitos, num total de 50 ha (cerca de 10 ha eram soitos novos).

No Pinhal Sul, os ouriços caídos apresentam na maioria 3 castanhas de pequeno calibre, porque não houve chuva durante o ciclo vegetativo e a castanha não engrossou. Há produtores que dizem que muitos frutos estão bichados, no entanto, estima-se que a produção aumente cerca de 25% comparativamente com a campanha de 2024.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense há maior quantidade de amêndoa colhida relativamente ao ano anterior, no entanto, a produtividade é idêntica porque houve aumento de área decorrente de novas plantações.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, iniciou-se a apanha da castanha, registando quebra na produção em cerca de 30% e de fraca qualidade. Os incêndios destruíram grandes áreas de soutos e árvores dispersas.

Na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, conforme descrito no relatório anterior, os incêndios destruíram soutos de castanheiros. A castanha é de pequeno calibre devido à falta de chuva, estimando-se uma quebra na produtividade, corrigida relativamente ao mês anterior, de cerca de 10% e 20%, na Serra da Estrela e na Cova da Beira respetivamente. Nas amendoeiras, mais presentes na Cova da Beira, a quebra de produtividade, em termos gerais, foi superior ao previsto, atingindo os 50%, comparativamente ao ano transato e de 25% na Serra da Estrela.

• Pomares de Citrinos

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, os pomares de laranjeiras consistem em árvores dispersas e destinam-se principalmente ao autoconsumo. As laranjas destes pomares apresentam uma qualidade inferior em termos de sabor, tamanho e aparência.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal Sul, os citrinos apresentam uma boa quantidade de frutos, mas de pequeno calibre, encontrando-se na fase de mudança de cor.





• Pomares de Kiwis

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga já se iniciou a colheita em algumas variedades (vermelho e amarelo), prevendo-se menor qualidade do fruto devido às altas temperaturas ocorridas durante a sua maturação e um aumento de produção, principalmente nas variedades arguta, amarelo e kiwi verde.

No Pinhal Litoral, os pomares encontram-se na fase de frutos em crescimento. apresentam menos frutos, mas de maior calibre e de maior peso.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M - fruto em crescimento.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os kiwis estão em fase de maturação. As temperaturas elevadas e a falta de humidade, antecipou ligeiramente a maturação tendo-se verificado uma redução do calibre em locais onde a rega foi insuficiente. Prevê-se uma produtividade idêntica ao ano anterior.

No Pinhal Sul, nos kiwis, a produção baixou, porque caiu uma grande quantidade de granizo que destruiu cerca de 60% da produção na fase de jovens frutos, num pomar localizado na zona de Cernache do Bonjardim, estimando-se uma quebra de 30% em relação à campanha de 2024.

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, está concluída a colheita das prunóideas. Nos pomares de pessegueiros, a quebra de produção em relação ao ano anterior é de cerca de 10%.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, estima-se uma quebra de produtividade relativamente a 2024, nos pêssegos e nectarinas de cerca de 25%, na Serra da Estrela e de cerca de 40% na Cova da Beira, assim como, de 40% para a ameixa, também nesta última zona homogénea, onde a cultura é expressiva.

• Pomares de Pomóideas

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, a colheita quer das macieiras quer das pereiras está concluída. Estima-se em ambos os casos, uma produção idêntica à do ano transato, fraca relativamente ao potencial produtivo da espécie. Os calibres da pera, tal como na maçã são mais pequenos.

No Baixo Mondego, foi concluída este mês a colheita da maçã, verificando-se uma quebra na produção.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, nas macieiras está a iniciar-se a colheita das variedades de maturação tardia. As pereiras estão colhidas. Os marmeleiros estão em colheita.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, está a decorrer a colheita da maçã, prevendo-se uma quebra na produção comparativamente ao ano anterior, de cerca de 30%, resultante principalmente das condições meteorológicas registadas anteriormente, de muita chuva nos primeiros meses seguida de muito calor, e também do pedrado. Na região de Aguiar da Beira (Alto Dão-Lafões), os incêndios atingiram diversos pomares e segundo a informação recolhida, a perda foi de aproximadamente 5 ha. Esta situação influencia não só a produção do presente ano, como se vai refletir na dos próximos 3 anos, uma vez que toda a área vai ser replantada.

No Pinhal Sul, a colheita da maçã está em fase de conclusão, com um decréscimo de 30% em relação a 2024. A pera já foi colhida e teve uma quebra de 50%, motivada pela ausência de tratamentos contra pedrado, na fase de crescimento dos frutos.

Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, a produtividade das macieiras é muito idêntica à do ano anterior. Nas pereiras temos um acréscimo de produtividade nas Rocha que são as dominantes, de cerca de 30%, relativamente a 2024 na Serra da Estrela, enquanto se estima uma quebra em termos gerais de 25% na Cova da Beira.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga já se deu início à apanha da azeitona para azeite. A azeitona sujeita a stress hídrico, ficou mais pequena, mas estima-se que o rendimento seja superior relativamente ao ano anterior.

No Baixo Mondego e Pinhal Litoral já se iniciou a colheita de azeitona, que apresenta boa qualidade e quantidade prevendo-se que o rendimento seja superior ao ano transato.

Nas **zonas de transição**, no Alto Mondego e na Beira Serra os olivais estão em início de colheita. A produtividade será menor que no ano passado, principalmente na azeitona de mesa, a produção terá um decréscimo acentuado porque arderam muitos olivais nos fogos deste mês.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, a colheita da azeitona ainda não teve início. As oliveiras apresentam bom vingamento e fruto de boa qualidade. No geral, prevê-se um aumento de produtividade de azeitona para azeite, relativamente ao ano anterior de cerca de 30%, no Alto Dão Lafões. Segundo informação de produtores desta região, a produção de azeitona vai ser muito distinta de local para local, com produtores a terem aumento de produção de cerca de 50%, nomeadamente na zona de Penalva do Castelo e outros a terem quebras de produção de 10 a 20% na zona de Viseu. Em relação ao Baixo Dão Lafões, as previsões são de um aumento de produção de cerca de 15% face ao ano anterior. Prevê-se um ano de boa qualidade de azeitona.

No Pinhal Sul, os olivais de azeitona galega têm uma produção muito acima da média, até as oliveiras semiabandonadas têm muita azeitona. O fruto está no início da maturação - viragem da cor, todavia a produção poderá vir a ser afetada pelos ataques de mosca, propiciado pelas condições climáticas.



Nas **zonas do interior**, quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira o olival foi fortemente afetado pelos incêndios ocorridos em agosto, registando-se uma quebra de área produtiva, na ordem dos 50% a 60%. Nos restantes olivais, aqueles que se encontram em bom estado sanitário, apresentam bom aspeto vegetativo. As altas temperaturas registadas durante o período estival, não prejudicaram grandemente a cultura em termos vegetativos, principalmente os olivais que se encontram em zonas mais frescas ou que beneficiam de rega (olivais mais recentes e mais intensivos). Nos restantes, verificou-se uma maior desfoliação e maior queda de frutos vingados, devido ao excesso de calor e aos ataques de traça em olivais não tratados. Estima-se uma diminuição da produtividade relativamente ao ano anterior de 15% e 10% respetivamente na Serra da Estrela e na Cova da Beira.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, a recente precipitação veio beneficiar a cultura, dado que praticamente ainda não se iniciou a colheita e apenas alguma azeitona de mesa está a ser colhida. Prevê-se uma quebra acentuada, na ordem dos 20%, comparativamente ao ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, apesar de no mês anterior se ter apontado para aumento de produção no olival, presentemente, não obstante a variabilidade quanto ao sentido da variação da produção, estima-se que no geral poderá vir a ocorrer quebra, contudo por enquanto, para o presente relatório considera-se produção idêntica. Nalgumas áreas da zona homogénea o calibre baixo da azeitona impede a sua comercialização para azeitona de mesa, sendo a mesma direcionada para a produção de azeite. Algumas explorações estão com dificuldades em obter mão-de-obra para a colheita do olival.

6-e – Culturas arvenses de sequeiro e regadio, nomeadamente milho, arroz, grão-de-bico, feijão, tomate (para indústria) e girassol. Estado vegetativo, disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspectos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos.

• Arroz

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a cultura do arroz no Cértima ainda está a ser colhido tendo tido o seu início apenas a meio do mês de outubro, consequência de uma sementeira mais tardia. As condições climáticas foram favoráveis ao seu bom desenvolvimento, no entanto, a sua produção foi afectada pela presença de várias infestantes principalmente pelo “arroz daninha”, infestante que provoca grandes prejuízos, prevendo-se um decréscimo a rondar os 20% em alguns campos.

No Baixo Mondego, o arroz está praticamente todo colhido, mas o término das colheitas desta cultura irá prolongar-se para o próximo mês. Nas zonas onde foram mais controladas as infestantes, o arroz é de melhor qualidade mas, no geral, apresenta-se muito falido prevendo-se produções mais baixas do que no ano transato.

No Pinhal Litoral, decorre a colheita. Embora com bastantes infestantes, estima-se uma produção idêntica à do ano passado.

• Feijão, grão-de-bico, outras

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, as condições foram boas para maturação e secagem do feijão. Estima-se uma produção de feijão e grão-de-bico igual à do ano anterior.

Nas zonas de transição, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, estas culturas mantiveram as áreas

e apresentam um aspecto normal. As produtividades tanto do feijão como do grão de bico estimam-se idênticas ao ano anterior em ambas as zonas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, a cultura do feijão, e como já referido no mês passado, teve uma diminuição na produção (5%) comparativamente ao ano anterior. A produção do feijão tem vindo a diminuir, pois a maioria dos produtores, plantam especificamente para autoconsumo e, em muitos locais a produção fica comprometida devido aos ataques de várias espécies cinegéticas. Em relação ao grão-de-bico a produção é idêntica ao ano anterior.

No Pinhal Sul, o feijão-frade foi semeado tarde, obtendo-se uma produção baixa causada pelo abortamento das flores, consequências das temperaturas muito elevadas na fase de floração. O agricultor pensava em não colher, mas reconsiderou e obteve uma produção muito baixa de sensivelmente 200 kg/ha. O grão de bico teve falhas de germinação e ataques de javalis, mas obtiveram uma produção de 400 kg/ha.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, no feijão frade confirma-se o aumento da produtividade relativamente ao ano anterior, devido ao melhor estado da cultura e às melhores condições climáticas durante a apanha.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, contrariamente ao previsto no relatório anterior, a produtividade do feijão frade, cultura tradicional nesta região, foi superior à de 2024, em cerca de 25%, em ambas as zonas homólogas.

• Milho

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a colheita do milho grão já teve início nas variedades de ciclo curto, prevendo-se resultados iguais aos do ano passado em relação à produtividade e área.

No Baixo Mondego, terminaram as colheitas de milho silagem, tendo-se verificado uma pequena quebra na produção em relação ao ano passado. Estão a decorrer as colheitas de milho grão. As primeiras colheitas apresentaram produções mais baixas, mas as mais recentes parecem estar com melhores produções, a previsão geral será de um pequeno aumento nas produtividades. O preço pago ao produtor baixou (cerca de 0,21€/kg).

No Pinhal Litoral, o milho em sequeiro regista uma produção semelhante ao ano passado. A produtividade do milho grão em regadio prevê-se que seja boa, com uma produção idêntica ao ano passado, contudo, a colheita ainda não está concluída. Persistem os prejuízos provocados pelos javalis.

Nas zonas de transição, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, as áreas de milho diminuíram. O milho está já colhido, e, apesar de não ter havido dificuldade em água para rega, as espigas estão mal cheias, talvez devido às grandes amplitudes térmicas diárias, frustrando-se a expectativa de um aumento de produtividade.



Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o milho está colhido, com uma ligeira diminuição de produção (5%) no milho regional de sequeiro face ao ano anterior. Em relação ao milho de regadio, a previsão de produção é idêntica ao ano anterior. O milho forrageiro de regadio teve um aumento de 5% na produção, o de sequeiro teve uma produção idêntica. Os persistentes ataques de javalis causam a destruição em muitas plantações de milho, comprometendo a produção.

No Pinhal Sul, o milho grão de regadio já colhido teve uma produção superior à do ano anterior.

Nas zonas do interior, em Riba Côa e Cimo Côa, as culturas de regadio apresentam bom estado vegetativo. As colheitas decorrem normalmente esperando-se boa produção e qualidade.

Na Serra da Estrela e na Cova da Beira, o milho híbrido encontra-se totalmente colhido na Serra da Estrela, com um acréscimo de produtividade face a 2024, de cerca de 10%, sendo a qualidade boa. Estão a iniciar-se as colheitas na Cova da Beira.

Na Campina e Campo Albicastrense, no milho regadio (híbrido) baixou-se moderadamente a produtividade em virtude de algumas áreas com esta cultura terem sido afetadas pela sementeira mais tardia e pelo calor extremo do mês de agosto. Os javalis continuam a provocar prejuízos avultados no milho grão e no milho silagem.

• Tomate para indústria

Nas zonas do litoral, e na única zona homogénea produtora - Pinhal Litoral, com uma produtividade cerca de 115 ton/ha, houve uma diminuição de 40% da área plantada, relativamente ao ano passado.

• Disponibilidade de água

De um modo geral, não foi registado nenhum reporte de problemas com a de água para rega e abeberamento dos animais.



7-a – Produção de vinho: funcionamento das adegas, quantidade e qualidade do vinho produzido, perspectivas de comercialização.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as vindimas já terminaram. Contrariamente ao que se previa, a vindima das uvas brancas, trouxe um aumento de produção de 5 a 10% em relação ao ano anterior, simultaneamente, a sua qualidade também apresentou uma ligeira melhoria em castas como Maria Gomes, Bical e Cerceal. Nas uvas tintas, também a sua maturação foi muito equilibrada, afetada positivamente pela escassez hídrica, resultando vinho tintos com muito boa qualidade. A sua produção variou dentro da zona homogénea, onde houve uma diminuição de cerca de 20% na zona mais a sul da Mealhada, em relação ao ano passado, mas, no geral, e mais na Bairrada, o ano de 2025 trouxe um aumento em 10% na produção de vinho. Os mercados internacionais do vinho nacional, como o americano e o russo, influenciaram negativamente as vendas em milhões de euros com taxas aplicadas de 10% a 15%, obrigando à procura de novos mercados por parte dos produtores nacionais que viram o seu negócio diminuir com quebras substanciais nas exportações.

No Baixo Mondego, as vindimas terminaram ainda no mês de setembro. O vinho produzido é de boa qualidade, sendo a quantidade inferior ao ano passado.

No Pinhal Litoral, estima-se que a produção de vinho aumente comparativamente ao ano passado. A qualidade também se prevê que seja boa, idêntica à do ano passado. As perspectivas de comercialização não se apresentam otimistas, esperando-se um ano de vendas idêntica ao ano passado, em que houve perda de alguns mercados importantes.

Nas **zonas de transição**, quer na Beira Serra quer no Alto Mondego, a produção e a qualidade das uvas foi bastante boa, e as vindimas realizaram-se sem percalços. A qualidade do vinho está com perspectivas de ser boa, no entanto, a comercialização espera dificuldades.

No Alto Dão-Lafões e Baixo Dão-Lafões, as vindimas estão concluídas e decorreram com normalidade. As elevadas temperaturas e a reduzida humidade do solo provocaram casos pontuais de escaldão, desavinho e ataques de mildio. Na região do Alto Dão Lafões, mais concretamente, na zona de Silgueiros, os incêndios afetaram aproximadamente 2 ha de vinha. A produção da uva para vinho registou uma diminuição em média de 10% no Alto Dão-Lafões, com produtores a ter quebras distintas entre 5 e 20%. A qualidade foi considerada boa, com bom equilíbrio entre acidez e teor de açúcares, porém, os bagos com pouco peso. O grau variou entre 13 e 16.º. No Baixo Dão-Lafões, a produção média teve uma quebra significativa de uva para vinho de 20%, com produtores a indicarem quebras variáveis. Em ambas as regiões, a uva de mesa não tem uma área expressiva, sendo maioritariamente para consumo caseiro, no entanto, teve uma diminuição de cerca de 10% face ao ano anterior.



No Pinhal Sul, as vinhas tiveram uma produção superior a 2024, a qualidade foi boa, com um teor alcoólico de 13,5º. A maioria das vinhas estavam protegidas quando ocorreram as chuvas, provocando alguns focos de míldio, que foram controlados com tratamentos curativos. Na fase final da maturação, em algumas vinhas, ocorreram ataques de javalis, provocando estragos e baixando a produção em vinhas localizadas

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, foi um ano excepcional para a produção de vinho, contrariamente ao que se esperava, quer em grau quer em quantidade e qualidade. A título de curiosidade, a Adega de Pinhel, atingiu um record de quantidade produzida, conseguindo quase 19 000 000 de kg de uva. Não fosse a quantidade de vinhas destruídas pelos incêndios, certamente este número seria ultrapassado. Em termos de grau alcoólico, a média ronda os 11,5º. A conjuntura aponta para dificuldades na comercialização.

Quer na Serra da Estrela quer na Cova da Beira, o funcionamento das adegas, uma cooperativa e todas as outras particulares foi boa, dentro das produções de uva obtidas, dando origem a vinhos com qualidade. A desidratação das uvas, levou a uma redução do rendimento da ordem dos 5-7%, relativamente ao rendimento padrão (65%).

Na Campina e Campo Albicastrense, as adegas são privadas e referem produção de vinho de qualidade, para os quais contribuíram a boa maturação das uvas e o seu grau alcoólico elevado. Directamente proporcional à quantidade de uvas produzidas, a quantidade de vinho será menor comparativamente ao ano anterior. Algumas adegas, devido às boas perspectivas de comercialização, desejariam ter maior quantidade de uvas para vinificação.

ANEXO I

Zonas Homogêneas	Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitaç	Temperaturas Médias (°C)		
			01 a 31/10	01 a 31/10	Máx.	Min.	Média
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	29,7	12	25,2	11,0	17,5
		Anadia	80,4	11	24,9	13,2	18,2
		Pedralvites	-	-	-	-	-
	Baixo Mondego	Cantanhede	115,6	14	24,2	11,8	17,1
		Soure	95,0	12	24,3	11,3	17,4
		Coimbra	85,8	8	25,0	12,2	18,1
		Montemor-o-Velho	86,8	8	24,0	12,2	17,9
		Coimbra	90,0	10	24,8	10,7	17,5
	Pinhal Litoral	Batalha	90,0	11	25,4	12,7	18,2
		Leiria	114,0	11	24,3	14,2	18,2
		Porto de Mós	-	-	-	-	-
		Alcaria	109,6	13	25,4	12,8	18,0
		Pombal	96,8	11	25,4	14,3	18,8
	Pinhal	Leiria	0,0	0	24,7	12,7	17,8
		Lousã	102,6	10	30,5	11,0	19,0
		Miranda do Corvo	-	-	-	-	-
		Ansião	110,8	12	24,9	13,0	17,9
		Nelas	-	-	-	-	-
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Alto Dão-Lafões	Estação Agrária	98,2	9	23,5	11,3	16,7
	Baixo Dão-	Quinta das Tílias	196,2	11	25,8	13,4	18,4
	Alto Mondego	Gouveia	107,4	11	25,0	11,6	17,3
	Pinhal Sul	Sertã	138,2	11	24,4	11,9	17,4
		Proença-a-Nova	99,4	11	25,7	15,1	19,5
		Oleiros	121,0	10	22,9	12,2	16,9
	Riba Côa	Mêda	52,6	11	25,7	9,9	17,1
		Pinhel	88,6	12	23,9	7,6	15,1
		Trancoso	151,6	12	26,2	13,5	19,1
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	156,6	13	24,0	9,9	16,1
ZONAS DO INTERIOR	Cimo Côa	Guarda	70,6	12	24,7	10,6	17,0
		Sabugal	70,2	10	22,0	8,4	14,5
		Almeida	83,0	13	22,4	9,9	16,0
	Cova da Beira	Belmonte	135,6	10	25,0	9,0	16,2
		Covilhã	117,6	10	25,6	9,3	16,5
		Fundão	Brejo	8	24,1	11,3	17,3
			Alcogosta	10	22,0	12,8	16,8
		Fadagosa	66,4	8	25,4	12,9	18,7
	Campina e Campo	Idanha-a-Nova	39,8	9	26,2	11,7	18,4
		Penamacor	40,0	9	24,7	9,7	16,4

Fonte: INHMAF - D.G.A. - D.I.F.M.F.

*AEO/DEM

** de 01/10 a 30/10

ANEXO II

31/10/2025														
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total				Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias		
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregado r de Cheias	Caudal ecológico
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	102,80	0,088	0,063	0,026	↑	86,4%	0,084	85,9%	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,12	0,124	0,101	0,023	↑	92,5%	0,124	92,5%	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	682,96	1,251	1,251	0,000	↔	56,9%	1,201	56,9%	não
Mortágua	Macieira	143,63	0,946	0,026	0,920	141,90	0,747	0,705	0,042	↑	78,9%	0,721	78,9%	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	475,46	0,011	0,005	0,006	↑	8,9%	0,006	8,9%	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	573,08	2,800	2,800	0,000	↔	57,5%	2,617	57,5%	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	798,71	0,444	0,463	-0,019	↓	52,0%	0,240	52,0%	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	108,59	1,092	1,098	-0,006	↓	62,5%	1,092	62,5%	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	125,24	1,819	1,783	0,036	↑	46,7%	1,228	46,7%	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	545,49	0,476	0,480	-0,004	↓	80,8%	0,443	80,8%	não
			15,449	1,095	14,354		8,852	8,749			62,3%	7,756	57,3%	

OBSERVAÇÕES/OUTROS:

n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.

Fonte: CCDRC/DIGRH



WWW.CCDRC.PT

